

OS PINGOS NOS IS

Uma expressão tradicional muito utilizada é “colocar os pingos nos is”, quando se quer reafirmar algo de forma peremptória. Já assisti vários filmes em que os pingos d’água são usados para tortura, dita “tortura chinesa”. O infeliz é colocado sob um constante pingo (a série Vikings, do Netflix, também usa o mesmo artifício, o que indica que não é apenas um suplício chinês). Ninguém encosta a mão no prisioneiro, não há necessidade. Após algumas horas sob o constante gotejar, o sujeito entrega qualquer crime, cometido ou não, e vai para as masmorras do Moro, Guantánamo ou Carandiru de bom grado. Já o nosso inefável judiciário é especialista em “dar nó em pingo d’água” para deixar preso quem lhe apetece e soltar outros, ou inventar penduricalhos para ultrapassar o salário máximo.

Mudo de assunto. Semana passada, fiz um périplo por Minas Gerais. Por conta dos muitos anos trabalhando lá, tenho amigos (muitos ex-alunos) espalhados pelo interior das Gerais. Assim, fui caminhando pelas estradas do sul de Minas. Almocei em Carmo do Rio Claro, onde encontrei os arquitetos Normando e Ozório enquanto o Brasil seguia adiante na Copa. Dali, zarpamos pelas estradas que viram surgir os gênios musicais de Wagner Tiso e Milton Nascimento quando participavam do conjunto “W’s Boys”, faziam seus bailes iniciais da vida em Alfenas e região. Dali, um pulo a Varginha do E.T., da estação ferroviária projetada por Dubugras e do campus do UNIS cujo projeto coordenei, onde reencontrei três professores e ex-alunos, Faria (o Joaquim Cardozo do interior mineiro, calculista e executor de todas as obras do campus), Ivana e Ivan.

Mais uma caminhada e estávamos em São João Del Rei, que assistiu as primeiras peripécias deste personagem menor da nossa história política, artífice do golpe de 2016 que nos meteu nessa enrascada chamado Aécio Neves. A pujante universidade federal local, expandida grandemente nos anos Lula, permitiu o reencontro com a arquiteta Liziane, amiga desde os tempos do doutorado na USP. A cidade é uma aula de arquitetura, do barroco ao eclético, com o privilégio de dormir num hotel e ser acordado pelo silvo da locomotiva, como quando era adolescente em Franca. Um curto trajeto a Tiradentes, esse magnífico conjunto barroco onde quem manda é a Rede Globogolpe, com suas novelas de época. Sua expansão urbana desordenada é espantosa pela rapidez e volume (são muitos os condomínios, em áreas inacreditáveis pela dificuldade de acesso e declividade dos terrenos), além de claro processo de gentrificação.

Na volta, parada para almoçar uma peixada em Boa Esperança, com seu belo lago que a diferencia da maioria das cidades interioranas pela qualidade do paisagismo. Uma passagem rápida por Illicínea, onde foi instalada a casa da cultura na antiga moradia da ex-estudante do IETC e amiga da Rô Maria Sad que se tornou reitora da USP (não espalhem, fez uma gestão desastrosa), até voltar pra Passos, onde pudemos assistir a eliminação do Brasil na Copa e reencontrar amigos antigos da velha guarda da faculdade de engenharia, aqueles que lutaram pela encampação da escola à UEMG, que se realizou muito depois do que deveria ter acontecido (hoje sabemos o que o então governador Azeredo fazia para não encampar a faculdade de Passos em 1998, como estava previsto).

Antes de todas estas emoções, em Nepomuceno, paramos num posto de gasolina para abastecer e fazer xixi. Era um daqueles banheiros que ficam fechados, com a chave nas mãos da frentista. Ao começar, senti um pingo no ombro. Olhei pra cima e nada vi, achei que havia algum vazamento da caixa d’água. Logo depois, outro e outro. Intrigado de vez, olhei de verdade para ver se descobria o mistério. Havia um chuveiro sobre o vaso sanitário, que gotejava. Fiquei imaginando que tipo de profissional projeta e executa uma gambiarra dessas. Foi ali que pus os pingos nos is e entendi a “justiça” brasileira.

Mauro Ferreira é arquiteto

